

MEMÓRIAS, ESQUECIMENTOS E SIMULACROS

Cristiano Rodrigues Batista¹

Resumo: O propósito deste trabalho é discutir o papel dos simulacros como uma reação humana às (im)possibilidades da memória nos dias atuais. Para isso, leva-se em conta uma sociedade que vem de guerras, governos militares e que passou por grande evolução tecnológica. Além disso, discute-se o papel da reconstrução de passados e relações entre memórias oficiais e o poder.

Palavras-chave: Memórias e esquecimentos, Simulacros, Reescrita de passados.

Abstract: The purpose of this paper is to discuss the role of simulations for the human reaction to the (im)possibilities of memory today. For this, it takes into account a society that comes from war, military governments and who has gone through technological developments. Also discusses the role of the reconstruction of past memories and relationships between official memories and power.

Keywords: Memory and forgetting, Simulacra, Reconstruction of past.

1. Introdução

A partir de um pequeno texto de Jorge Luis Borges, Jean Baudrillard inicia seu livro *Simulacros e simulação*, dizendo que hoje em dia o real já não possui origem nem realidade. O simulacro, para ele, passou a preceder em relação a uma certa realidade atual.

Baudrillard retira do texto “Do rigor na ciência”, do escritor argentino, uma fábula em que alguns cartógrafos do império trabalham para construir um mapa muito detalhado.

...Naquele Império, a Arte da cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma cidade, e o mapa do império, toda uma província. Com o tempo, esses Mapas desmesurados não foram satisfatórios e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos afeitas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas

¹ Mestrando em Teoria da Literatura – UFMG. E-mail: cristianorodriguez@gmail.com

Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o país não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas. (Borges, 1999, p. 247)

Jean Baudrillard atualiza essa fábula, dizendo que agora é o “mapa que precede o território – precessão dos simulacros – é ele que engendra o território cujos fragmentos apodrecem lentamente sobre a extensão do mapa.” (Baudrillard, 1991, p. 8).

A partir da ideia de Jean Baudrillard e do texto borgeano, além de algumas considerações sobre memória e esquecimento, este trabalho pretende pensar um pouco sobre o papel do simulacro para a reação humana às (im)possibilidades da memória nos dias atuais.

Qual será o papel do simulacro em uma época marcada pelo excesso de memória, cuja manutenção é feita por meios técnicos (GUIMARÃES, 1997, p. 5)? Vivemos em um tempo que presencia grande desenvolvimento da tecnologia, o que implica em resultados significativos para o nosso desempenho mnemônico, basta observar a capacidade infinda de armazenamento de dados no ciberespaço. No entanto, conforme será desenvolvido no tópico dois, essa capacidade aumentada do registro não implica, necessariamente, em aumento da capacidade de lembrar.

Ao mesmo tempo, a nossa época é marcada pela reescrita de passados, uma vez que estamos localizados no tempo que vem depois de eventos traumáticos como a Segunda Guerra Mundial, Governos Militares, entre outros acontecimentos que implicaram na escolha do que seria contado ao futuro. É possível dizer que esse tempo atual, conforme será melhor explorado no tópico três, apesar de contar com a riqueza das narrativas oficiais sobre o passado, é carente de memória, ou, mais especificamente, carente da memória construída sob a perspectiva daqueles outrora oprimidos que não tiveram a oportunidade de contar, a seu modo, os tempos da repressão. Assim, essa memória calada ainda precisa de ser narrada.

Assim, vivemos em um período que sofre, ao mesmo tempo, de falta e de excesso da memória. E, ainda, no qual a falta relaciona-se ao excesso.

Nesse contexto, o trabalho explora as conexões entre simulacro e memória: se a relação do simulacro com a memória é somente a de trapaça,

ou seja, um expediente artificioso intencionalmente articulado para esculpir a “memória conveniente”, ou se contribui para a sua composição, no sentido de expediente necessário, em um mundo onde questões técnicas e históricas impõem ao homem a busca por alternativas na reconstrução do seu passado.

Será possível dizer que o simulacro é uma das saídas para a nossa falta de memória causada justamente pelo seu excesso? Será que o simulacro pode atrapalhar a reescrita de um passado que inclui as memórias subterrâneas (Pollak, 1992, p. 3-15), ou seja, que inclui as memórias que foram oprimidas pelo discurso oficial?

Já sabendo da complexidade dessas perguntas, não esperamos chegar ao fim do trabalho com respostas prontas, mas com um percurso estruturado em considerações pertinentes para o tema.

Antes de dar continuidade às reflexões, é preciso deixar claro qual o conceito de simulacro estamos utilizando para este trabalho. Será utilizada uma definição bem simples e genérica do termo: algo que simula a aparência do original, uma construção artificial que se quer passar pelo original, dando, ao mesmo tempo, a ideia de algo que, ao se passar por outra coisa, é trapaça, e de algo que, por ser construção, implica em imaginação e capacidade de criar. Ele é uma realidade diferente daquela que simula, mas com a capacidade de se passar por ela.

No próximo tópico, passaremos à reflexão das condições tecnológicas atuais que em muito impactam os processos mnemônicos, e as relações entre o excesso e falta de memória no contexto das mudanças tecnológicas.

Já no tópico três, passaremos à exploração das relações entre o artifício do simulacro e os processos de construção tardia da memória de grupos que recuperam a voz após períodos traumáticos de opressão.

O trabalho encerra-se com uma reflexão da multiplicidade das funcionalidades narrativas que se pode atribuir à figura do simulacro nos processos de construção da memória.

2. Os excessos da memória

O excesso de informação e de tentativas de sua conservação parece querer lutar contra o esquecimento. No entanto, sabemos que pensar sobre a memória a partir do século XX, principalmente levando em consideração alguns apontamentos de Friedrich Nietzsche, implica, fatalmente, em discutir sobre o papel do esquecimento para o ato de lembrar.

O papel do esquecimento para a memória é brilhantemente exposto, no campo ficcional, na obra “Funes, o memorioso” (BORGES, 2001, p. 119-128) de Jorge Luis Borges.

No conto borgeano, Funes, aquele que possivelmente é a origem dos super-homens, lembrava de tudo. Ele se lembrava de todas as coisas vistas, ouvidas e de todas as suas imaginações. E “essas lembranças não eram simples; cada imagem visual estava ligada às sensações musculares, térmicas etc” (Borges, 2001, p. 125). Ao tentar classificar as suas lembranças foi dissuadido pela consciência de que morreria antes de terminar a classificação da infância.

Funes morre aos vinte e um anos, após ter uma congestão pulmonar. E essa memória intacta, a que ele se referia como “despejadouro de lixos”, que o impedia de viver normalmente como as outras pessoas do mundo, parece querer dizer muito sobre a impossibilidade de viver sem esquecer.

Os processos de imaginação e de esquecimento são partes constituintes para o ato de lembrar, este é o argumento de muitos escritores que produziram, principalmente, ao longo do século XX. O processo mnemônico, em linhas gerais, inclui um sistema comum de esquecimento e de ajuste pela imaginação para algo chegar, de fato, a ser memória. É comum que a memória não retenha todos os fatos do passado, daí vem a ideia do esquecimento ser parte do processo natural para a memória. E é normal, também, o fato de nossa imaginação “costurar” os fatos para que estejam ligados e façam sentido para o ato de lembrar. Portanto, as relações da imaginação e do esquecimento estão atreladas como pilares das construções da memória.

Questão importante atrelada aos processos atuais de construção da memória relaciona-se aos variados instrumentos tecnológicos associados à captação e armazenamento de informações, nos mais variados formatos, desenvolvidos durante os dois últimos séculos. Agora, com o fim da primeira

década do século XXI, pode-se fazer um balanço dos avanços tecnológicos com o intuito de entender o que isso representa para a vida do homem atual, bem como a forma com que ele enxerga o mundo ao seu redor. E pensar tais avanços para o processo de esquecimento necessário ao ato de lembrar.

O mundo virtual, no qual se inserem as redes sociais, sites que possuem uma infinidade de imagens arquivadas disponíveis para acesso a qualquer momento, sites que possuem um acervo de vídeos que foram ao ar há muitos anos, ou no telejornal de ontem, entre outras possibilidades da rede mundial de computadores, representam quase um imperativo para que todos façam parte deste quadro de excesso. A capacidade de aprisionamento da televisão e dos anúncios publicitários também contribui para o exagero que não dá tempo à reflexão. Informações chegam, mas não passam por processos de análise, são acumuladas, simplesmente.

A visão deste sem-número de informações, em grande parte viabilizadas pelos meios técnicos, e o movimento comum de tentar reter o máximo possível de dados nos levam a um esvaziamento de sentidos de tudo o que nos foi exposto: uma imagem/informação dá lugar à outra, e à outra... O excesso de informações sem reflexão, em um movimento depositário, resulta em um acúmulo sem sentido, que se não é suplantado para dar lugar a novas informações também esvaziadas de sentido, é propagado através de mera repetição sem reflexão.

Suturado o esquecimento, diminuída sua potência, a memória reduz-se a uma má repetição, incapaz de gerar diferença. Guardamos tudo para que possamos esquecer tudo instantânea e absolutamente, sem resto ou vestígio. O que salva a memória, entretanto, é menos a estocagem do que o esquecimento. (Guimarães, 1997, p. 6)

É possível que o excesso implique em incapacidade de lembrar, o que é bastante diferente de esquecimento. Incapacidade de produzir lembranças significa inércia, já o esquecimento significa parte do processo de produção de novas lembranças.

Os aparatos tecnológicos e a velocidade cotidiana do homem pós-moderno das grandes cidades não querem deixar que os processos de

esquecimento e imaginação trabalhem para a memória. O acúmulo de informações sem a reflexão não deixa que o esquecimento e a imaginação exerçam o seu papel de construção da memória.

Com isso, vive-se repetindo algo que parece ser uma lembrança, mas que pode não passar de uma construção de discursos que se pretendem memórias, construção de algo que se quer passar pela memória: é o simulacro.

E tal repetição de simulacros de lembranças se origina, geralmente, nos meios de comunicação de massa, pois eles dominam a narrativa dos fatos pretéritos, como também arquitetam “fatos” irreais, que serão narrados no futuro. A mídia constrói o discurso *a priori* e propaga o discurso no tempo. Então a fala fabricada passa por nós como fato “real” e depois se transforma em “passado”. Narramos simulacros através de simulacros, e, nesse caso, o que se constrói previamente, e intencionalmente pelos que controlam os meios de comunicação, se transforma na única realidade possível.

3. (Re)escritas do passado

Em uma época posterior à guerra, e às ditaduras é normal que haja uma reescrita do passado, pois a história contada no momento de opressão é sempre aquela escolhida pelo dominador. Quando o poder troca de mãos, o que outrora foi subjugado pode ter voz e ter a possibilidade de querer recontar o passado.

Ao considerar essa escrita da história pelo outrora dominador, sabe-se que toda a narrativa oficial do opressor pode ser um único simulacro, e que essa história construída sob as intenções nefastas da dominação pode ter sido aceita por uma parte de um povo e já repassada como verdadeira para outras gerações.

No entanto, a reescrita desse passado, quando as memórias excluídas do discurso oficial começam a ser revistas, significa uma distância que pode gerar incorreções, estetizações, entre outros elementos que podem, também, estar distantes do fato. Ainda há o complicador que indica que mesmo aquilo que não foi contado no passado, quando contado no presente, não abrigará

todos os acontecimentos importantes que haviam ficado à margem. Ou seja, há também a impossibilidade de contar a totalidade dos fatos passados.

O processo de reescrita do passado, ou mesmo o emergir do passado que por algum motivo não tenha aparecido antes, e a escolha de como tais informações serão apresentadas podem significar o surgimento de um passado constituído por pequenos simulacros. Um fato vivido em um passado distante, contado e atualizado pelo presente pode resultar em estetizações que se aproximam da ideia de simulacro.

É importante esclarecer que o passado contado como simulacro não implica na inexistência do acontecimento em si, não significa que todo o sofrimento, como no caso das perdas provocadas pelas ditaduras na América Latina, por exemplo, não existiu, mas simplesmente o que é contado no presente pode não coincidir com o que de fato ocorreu.

Isso se justifica também por toda a impossibilidade de tradução fiel, de algo sentido, em outra forma de expressão como a escrita, literária ou não, a documentação proporcionada pelo jornalismo, ou até mesmo por fotografias. O sentimento muitas vezes é intraduzível, daí o fato de não haver total harmonia entre o que se passou e o que agora é contado.

Outra questão que se relaciona aos processos de reescrita do passado, ou seja, à reconstrução da memória oprimida, é aquela relacionada à ênfase. Muitas vezes, o simulacro é utilizado para garantir a transmissão do sentimento, da impressão, e isso muitas vezes implica na supressão do fato, ou, ao menos, em adaptações do fato.

Um exemplo disso são as duas versões para a fotografia de Agusti Centelles, *Carrer Disputació*.²

É possível observar na imagem I, que está editada, uma cena de grande perigo, rementendo ao momento de luta extrema. As portas fechadas mostram a interferência do combate na vida comum de uma cidade. Os cavalos mortos e empilhados formando uma barricada improvisada, onde os combatentes se defendem do inimigo. Podemos observar, também, as armas em punho, grandes carabinas talvez, além de um capacete que até pode ser de um

² CENTELLES, Agusti. *Carrer Disputació*. Imagem I: <http://aprendersociales.blogspot.com/2009/12/agusti-centelles.html>. Imagem II: <http://eva-truffaut.blogspot.com/2011/05/agusti-centelles.html>.

inimigo abatido. Uma imagem forte que dá a dimensão da gravidade da guerra civil.

No entanto, esta imagem é resultado de uma edição. A fotografia original, a segunda imagem, foi recortada e um personagem do momento foi excluído da imagem divulgada, ou seja, há aí um processo de escolha de como algo será contado.

A imagem II, a imagem sem tratamento, mostra-nos tudo o que a primeira contém com o acréscimo de uma pessoa que não se encontra entrincheirada atrás dos cavalos mortos, portando uma pequena arma que contrasta com as outras armas da fotografia, e que está em uma postura um pouco estranha, seu tronco está retorcido em relação a seus pés, uma posição diferente da posição de combate das outras pessoas presentes na cena. Poderíamos dizer até que a imagem original, com a presença deste elemento que distoa da cena, tem menos força do que a imagem editada. É como se a imagem I possuísse uma urgência e gravidade que se dissipam na imagem II, a imagem original.

Pode-se dizer que esse processo de edição aponta para elementos da ideia de simulacro. Uma utilização da técnica, ou seja, uma intervenção que permite a omissão de parte do real da cena fotografada, e que cria uma nova forma de contar, que pretende se passar por verdade absoluta.

Mais uma vez reafirmamos a preocupação de deixar claro que o fato de haver elementos que apontem para o simulacro na forma de transmitir um passado para as gerações vindouras não implica na inexistência desse passado. Esse simulacro presente na divulgação de um acontecimento do passado, no caso a Guerra Civil Espanhola, não significa a inexistência da guerra, de seus mortos e de todo o sofrimento causado pela sua violência brutal. A imagem II, com a figura que diminui a força da fotografia, não implica na inexistência, ou mesmo, não abrandava tudo o que aconteceu na guerra civil, nem diminui a dor ou o número de mortos do conflito, mas, simplesmente, mostra que o modo de contar pode se apoiar em elementos de uma realidade que foi, em parte, criada artificialmente e que se passa como uma marca absoluta do combate.

4. O simulacro

A partir do que foi discutido acima, pode-se perceber como o simulacro se apresenta, ao mesmo tempo, como uma trapaça e como uma saída para o que há de ser contado.

Ele é a trapaça que vai inventar informações para enganar aquele que irá recebê-la. Como muitos governos fizeram – e ainda fazem –, a história foi escrita a partir dos interesses do dominador e a colocaram sob a égide da ideia de verdade absoluta. Há diversos exemplos do processo de construção da história, como podemos observar no exemplo do personagem ficcional da obra *1984*, de George Orwell, que reescreve a história constantemente. O personagem do romance de Orwell, Winston Smith, trabalha no Ministério da Verdade e atua reescrevendo constantemente a história de seu país para que as ações do governo totalitário sejam sempre justificadas por fatos pregressos.

No entanto, o simulacro também pode ser uma saída. Pode, por exemplo, evidenciar algo que precisa ser contado – como na fotografia, para dar força a um acontecimento que não pode ser esquecido, uma memória que, dada a dimensão do acontecimento, precisa ser forte para o futuro. É comum em processos de reescrita de um passado que ficou submerso, o que foi excluído da história oficial, quando emerge e lhe é restituído o direito de fazer parte da história, volta com uma força que é alcançada através de elementos que, também, compõem a ideia de simulacro.

Assim, o simulacro pode ser o reforço, ou a ênfase na forma de contar algo que ficou para trás e que agora volta e que não pode ser esquecido, algo que precisa ser lembrado e lembrado sempre.

Também, é importante pensar nos movimentos de reescrita do passado como tentativas de apagar a memória oficial de outros tempos, a memória escrita pelo dominador de outrora. A memória que ficou esquecida precisa voltar e assumir seu lugar, mas apagar o que foi escrito pelo dominador significa apagar uma parte que por mais que não seja a verdade, integra a história de um mau tempo para a historiografia, tempo este em que o dominador escrevia arbitrariamente, desconsiderando o discurso e a perspectiva de todos os grupos sob dominação. Ainda que a narrativa do

dominador seja extremamente enviesada, não deixa, por isso, de ser uma das formas de contar, e, se não pode ser apontada como o melhor retrato do fato passado, necessário se faz reconhecer que se constitui, em si mesma, como fato histórico: o fato da narrativa oficial.

A história que foi imposta e que não representa a realidade, é parte de uma história construída parcialmente, ou mesmo composta por inverdades. No entanto, configura-se como simulacro, também, a reescrita de um passado que simplesmente substitui um viés por outro, ou que implementa a memória que não possuía espaço, substituindo a memória antes oficial, pela outra, “memória subterrânea”, em uma tentativa de apagar por completo a narrativa de um outro tempo, que, mesmo inverídica, representa uma parte importante da repressão, em um momento de escrita de uma história limitada, ou falsa.

Negar a existência da narrativa oficial é negar a lembrança – e a marca dessa lembrança – de um momento em que a “memória clandestina” (Pollak, 1992) foi forçada a se calar.

A utilização do simulacro aliado à memória pode, ainda, ser simplesmente a via escolhida para contar algo que ficou no passado. Uma forma de contar que por estar a uma distância espaço-temporal muito grande passa por um processo normal de estetização. A maneira como o passado será transmitido é construída em um movimento que se constitui de ajustes e esquecimentos, lembranças e imaginação. O simulacro pode ser, então, uma saída para a memória e para o esquecimento.

No entanto, diante do esquecimento de nossa época, provocado pelo excesso e esvaziamento, é possível dizer que o simulacro se passa, também, por origem e precede tudo o que vem depois de si. Nesta circunstância, o simulacro engana, é a trapaça utilizada por muitos que possuem o poder de escolher o que será contado e aquilo que será omitido, ou ainda, como se constituirá o que será contado. Muitos governos e mídias utilizam o simulacro dessa forma: para criar fatos e história que serão aceitos como verdades e que no futuro estarão no patamar das origens.

Voltando à ideia de Baudrillard colocada no início deste trabalho, levando em conta todo o passado – aquele que celebramos ou o que nos faz sofrer – e todo o presente em que acreditamos, e tomando o cuidado para não

cair em um relativismo infrutífero, vale lembrar que tudo o que vemos, tudo o que acreditamos ver e muitas vezes passamos a frente pode ser simulacro, ou mesmo conter elementos que apontam para o simulacro. Ou ainda, o que nos foi contado ou o que vemos hoje pode vir a ser um simulacro na próxima vez que virar matéria para algo que será contado a uma geração futura. Caso queiramos retomar algumas origens, é possível que cheguemos a um simulacro puro e simples, que se passará por tal, e não será nada além disso: uma construção artificial.

Uma colocação pertinente ao momento, que apesar de não tratar especificamente do simulacro traz a ideia da dúvida que se instaura em relação aos limites daquilo que podemos captar do real, vem de *O céu de Lisboa*, filme de Wim Wenders.

Quem nos garante que isso que imaginamos se passou realmente. Esse mundo, essa suposição é uma ilusão. A única coisa verdadeira é a memória, mas a memória é uma herança. [...] No cinema, a câmera pode fixar um momento, mas esse momento já passou. No fundo, o que ele traz é um fantasma desse momento, e já não temos a certeza se esse momento existiu fora da película, ou a película é uma garantia da existência desse momento. Não sei... Vivemos, afinal, com uma dúvida permanente. No entanto, vivemos com os pés na terra, comemos, gozamos a vida... (Wenders, 1994)

Pela força e poesia do trecho, é perigoso até mesmo comentar o significado dessa fala que foi proferida no filme de Wenders pelo grande cineasta português Manoel de Oliveira, que possivelmente desempenha o papel de si mesmo no longa-metragem. Entretanto, é impossível não pensar um pouco sobre o que foi dito. A passagem nos faz pensar sobre os tênues limites entre o construído e o real. Reconstruir, recortar, enfatizar, deformar e re-significar fazem parte dos processos, únicos possíveis, de absorção do real e da transformação desse material em memória. Assim, o simulacro está presente na construção, inapelavelmente, dos processos da lembrança.

O nível de reconstrução pode ser afetado por uma série de circunstâncias, sendo que duas delas foram tratadas no trabalho: o contexto

dos excessos de registro na era tecnológica e aquele da guerra de narrativas que se travam entre grupos dominados e dominadores.

No entanto, admitir a presença do artifício do simulacro não significa uma radicalização dos relativismos. O simulacro muitas vezes trata do enaltecimento do fato que gera a dor, o fato da guerra, o fato do horror. Essas são circunstâncias muito reais e que, se negociam com o tipo de discurso utilizado para a sua narrativa, não negociam com a relativização da sua existência.

Portanto, conforme a ideia que pode ser extraída do último período do excerto, a relativização tem limites, e por mais que as dúvidas sejam evidenciadas em tudo do passado e do presente nos quais cremos, há algo na existência que não pode ser questionado.

Referências Bibliográficas

ACHUGAR, Hugo. O lugar da memória. In: ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política (Obras escolhidas v. 1)*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BORGES. Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 2001.

BORGES. Jorge Luis. *Obras completas (1952-1972)*. São Paulo: Globo, 1999.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Bernardo. *O mundo fora dos eixos*. São Paulo: Publifolha, 2005.

CARVALHO, Bernardo. *Onze*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CENTELLES, Agusti. *Carrer Diputació*. Imagem I disponível em: <http://aprendersociales.blogspot.com/2009/12/agusti-centelles.html>. Imagem II Disponível em: <http://eva-truffaut.blogspot.com/2011/05/agusti-centelles.html>. Acesso em: 07. Nov. 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem crítica. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998, p. 169-199.

GUIMARÃES, César. A imagem, signo da memória. In: GUIMARÃES, César. *Imagens da memória: entre o legível e o visível*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997, p. 15-18.

ORWELL, George. 1984. New York: Signet Classic, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acesso em: 08 Jul. 2009.

ROSSET, Clément. *A antinatureza: elementos para uma filosofia trágica*. Trad. Getulio Puell. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

WENDERS, Wim. *O céu de Lisboa*. Berlim: Road Movies, 1994. Aprox. 99 min. color.